

## VOZES DAS CAVERNAS: CONCEPÇÕES DE PRÉ-HISTÓRIA DE ALUNOS DO 6º ANO

VOICES FROM THE CAVES: PREHISTORIC CONCEPTS OF 6TH GRADE STUDENTS

VOCES DE LAS CUEVAS: CONCEPTOS DE PREHISTORIA DE LOS ALUMNOS DE 6.º CURSO

Geovanio Carlos Bezerra Rodrigues<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-3383-5405>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, CE, Brasil; [geovaniocarlos@gmail.com](mailto:geovaniocarlos@gmail.com)

**RESUMO:** Neste relato, apresentamos uma investigação realizada com alunos do 6º ano em uma escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza-CE, em Fortaleza, Ceará. Temos como objetivo compreender como estudantes, leitores e não leitores, constroem representações sobre a Pré-História. Relacionamos a escrita com a produção de representações pictóricas, possibilitando que alunos em diferentes níveis de alfabetização expressassem sua compreensão histórica. Nossa análise fundamenta-se na psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1986) e na Educação Histórica (Schmidt, 2019; Barca, 2006 e Germinari, 2012), demonstrando como alunos constroem narrativas históricas que evidenciam como pensam e descrevem o passado. Os resultados apontam que, mesmo alunos letrados ou em processo de alfabetização, contruíram explicações significativas sobre o passado, destacando aspectos da vida humana na pré-história, como uso do fogo, moradia, caça e arte rupestre. Destacamos a relevância da integração entre escrita e expressão artística como estratégia inclusiva de ensino de História.

**Palavras-chave:** Consciência Histórica; Educação Inclusiva; Letramento Histórico.

**ABSTRACT:** In this report, we present research conducted with sixth-grade students at an elementary school in the Municipal Education Network of Fortaleza-CE, in Fortaleza, Ceará. Our goal is to understand how students, both readers and non-readers, construct representations of prehistory. We relate writing to the production of pictorial representations, enabling students at different levels of literacy to express their historical understanding. Our analysis is based on the psychogenesis of written language (Ferreiro; Teberosky, 1986) and Historical Education (Schmidt, 2019; Barca, 2006 and Germinari, 2012), demonstrating how students construct historical narratives that reveal how they think about and describe the past. The results indicate that even literate students or those in the process of literacy constructed meaningful explanations about the past, highlighting aspects of human life in prehistory, such as the use of fire, housing, hunting, and rock art. We emphasize the relevance of the integration between writing and artistic expression as an inclusive strategy for teaching history.

**Keywords:** Historical Awareness; Inclusive Education; Historical Literacy.

**RESUMEN:** En este informe, presentamos una investigación realizada con alumnos de 6.º curso de una escuela de enseñanza primaria de la Red Municipal de Enseñanza de Fortaleza-CE, en Fortaleza, Ceará. Nuestro objetivo es comprender cómo los estudiantes, lectores y no

lectores, construyen representaciones sobre la Prehistoria. Relacionamos la escritura con la producción de representaciones pictóricas, permitiendo que alumnos con diferentes niveles de alfabetización expresaran su comprensión histórica. Nuestro análisis se basa en la psicogénesis de la lengua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1986) y en la Educación Histórica (Schmidt, 2019; Barca, 2006 y Germinari, 2012), demostrando cómo los alumnos construyen narrativas históricas que evidencian cómo piensan y describen el pasado. Los resultados indican que, incluso los alumnos alfabetizados o en proceso de alfabetización, construyeron explicaciones significativas sobre el pasado, destacando aspectos de la vida humana en la prehistoria, como el uso del fuego, la vivienda, la caza y el arte rupestre. Destacamos la relevancia de la integración entre la escritura y la expresión artística como estrategia inclusiva para la enseñanza de la Historia.

**Palabras clave:** Conciencia histórica; Educación inclusiva; Alfabetización histórica.

## Introdução

A Pré-História é um dos temas que mais me entusiasma a ensinar. A relação com o passado humano mais longínquo, as primeiras invenções humanas e, claro, dinossauros não podem fugir dessa conversa com os alunos. O fato é que a Pré-História é o primeiro contato que estudantes do Ensino Fundamental – anos finais, têm com o passado remoto. Essa relação não começa nas primeiras aulas do 6º ano, ela vem embutida de muitas referências, sejam de jogos, filmes, desenhos ou até livros.

Nosso trabalho propõe-se a realizar uma investigação sobre a Consciência Histórica e o Letramento Histórico de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, por meio de representações escritas e pictóricas de eventos pré-históricos.

O local onde construímos nosso relato é a EM Governador Faustino de Albuquerque, situada no Distrito de Educação 3 e no bairro Conjunto Ceará. Atuo como professor de História em duas turmas de 6º ano do turno da tarde. Estas turmas são diversificadas e contam com diversos alunos que recebem Atendimento Educacional Especializado (AEE), tanto na sala de recursos quanto na sala de aula. Por meio de atividades adaptadas ofertadas ao longo do primeiro semestre de 2025, percebemos que uma característica que perpassa a maioria destes alunos é o não domínio da escrita, na qual eles apresentam grandes dificuldades para realizar atividades que precisam relacionar palavras e construir frases.

Diante dessa realidade, surge uma problemática sobre a qual buscamos refletir: como identificar níveis de compreensão histórica em alunos alfabetizados e não alfabetizados? O relato é conduzido por um estudo descritivo, onde utilizamos um questionário, respondido por alunos das turmas A e B do turno da tarde, com o qual pudemos identificar como esses estudantes constroem explicações e representações sobre a pré-história. A seguir, apresentarei como se deu a atividade.

## **Diálogos entre a Psicogênese da Língua Escrita e a Educação Histórica**

No esforço de compreender as representações sobre a Pré-História elaboradas pelos nossos estudantes, optamos por realizar um diálogo interdisciplinar entre dois campos teóricos: a Educação Histórica, enquanto ferramenta de compreensão de como os sujeitos aprendem a pensar historicamente, e a Psicogênese da Língua Escrita, que nos ajuda a compreender as hipóteses de escrita e representação de mundo de estudantes em processo de alfabetização.

Partimos da premissa de que a capacidade de atribuir sentido ao tempo e narrar a experiência humana não é uma competência exclusiva de sujeitos plenamente alfabetizados. Pelo contrário, buscamos demonstrar que o pensamento histórico pode ser expresso por meio de múltiplas linguagens, sendo a representação pictórica uma das mais potentes. Neste sentido, a relação entre a atividade e a temática pré-história aponta elementos centrais à nossa análise.

A Educação Histórica é um subcampo da ciência histórica que busca compreender a cognição histórica, ou as formas como sujeitos aprendem e atribuem significados aos saberes históricos e o aplicam na vida prática (Germinari, 2011; Schmidt, 2019).

O letramento histórico constitui-se como um conceito central no campo da educação histórica, voltado à compreensão de como os sujeitos aprendem, interpretam e atribuem sentido ao conhecimento histórico. Diferentemente de uma aprendizagem baseada apenas na memorização de fatos e datas, o letramento histórico refere-se ao desenvolvimento de competências cognitivas e interpretativas que permitem aos indivíduos compreender o passado de forma contextualizada, crítica e orientada temporalmente (Germinari, 2011).

Dentre os conceitos trabalhados pela educação histórica, utilizamos neste trabalho a literacia histórica, ou o letramento histórico. A leitura histórica não parte da língua falada ou escrita, mas das habilidades necessárias para se ler a história por sua linguagem própria, as fontes. Esse conceito também trata da capacidade de interpretar o mundo a partir da compreensão do passado, articulando diferentes escalas temporais e múltiplos pontos de vista (Barca, 2006). Nas palavras de Isabel Barca, o letramento histórico é um:

[...] conjunto de competências de interpretação e compreensão do passado – surge associada à proposta de desenvolvimento da consciência histórica [...]. Esta necessidade de orientação temporal exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global), e a consideração de pontos de vista diversificados, apresentados quer por historiadores quer por outras fontes para a História (Barca, 2006, p. 93).

A linguagem histórica perpassa, então, a forma como lemos e problematizamos as variadas formas de vestígios do passado. Ao mobilizar fontes como cartas, mapas, imagens ou objetos, as aulas de história propiciam um espaço de construção de um conhecimento de caráter interpretativo, conectando nossos alunos no presente a um passado ainda não conhecido, mas para isso, é exigida uma análise contextual e crítica (Ramos, 2004).

Em diálogo com Barca, Peter Lee compreende o letramento histórico como um aprendizado disciplinar que permite aos sujeitos superar uma visão imediatista e “presentista” do passado. Para ele, ser historicamente letrado implica dominar conceitos que na Educação Histórica são chamados de segunda ordem, como evidência, causalidade, mudança e explicação histórica e empatia. Assim como compreende que as narrativas históricas são construções interpretativas fundamentadas em problemas e evidências (Lee, 2006; Lee, 2016).

No Brasil, Maria Auxiliadora Schmidt reforça que o letramento histórico está diretamente relacionado à formação de sujeitos críticos e socialmente conscientes. Para ela, indivíduos historicamente letrados são capazes de construir narrativas coerentes sobre o passado, mobilizando conhecimentos substantivos e conceituais que lhes permitem interpretar a realidade social e agir de forma reflexiva no presente (Schmidt, 2009).

Associada à produção de narrativas históricas, Marília Gago nos lembra que as narrativas expressam a forma como alunos e professores organizam temporalmente o passado, revelando suas carências de orientação e seus modos de compreensão histórica. Ao analisar essas narrativas, permite-se compreender os níveis de consciência histórica e os desafios colocados ao ensino de História na perspectiva de uma formação mais humanista e crítica (Gago, 2016).

Em um trabalho de Educação Histórica, as narrativas, sejam elas escritas ou faladas, demonstram o ponto de vista daquele que reflete e expõe seus pensamentos. Estudantes não são encaradas como "erros" ou senso comum. O que é observado são as variâncias de suas narrativas (Barca e Gago, 2001). As autoras propõem que o pensamento histórico progride mediante perfis de argumentação identificáveis - caminhando de uma visão baseada em fragmentos desconexos para níveis de maior complexidade, como a compreensão global e a Descentração crítica.

A Educação Histórica se baseia na Didática da História, em especial no conceito de Consciência Histórica de Jörn Rüsen (2012). Para definir este conceito não como um "conteúdo da mente", mas como um conjunto complexo de operações mentais que articulam o tempo (passado, presente e futuro) com as ações humanas.

A consciência histórica seria uma operação mental universal em diálogo com a vida prática, ultrapassando noções factuais sobre o passado. A Consciência se articula às experiências temporais, conectando o passado, o presente e o futuro para conferir sentido à existência e orientar a vida prática (a práxis).

Parte-se de uma carência de orientação que surge no presente, muitas vezes provocada por crises ou mudanças da realidade social. Na busca de respostas, recorremos à memória e ao passado, a fim de interpretá-lo e transformá-lo em uma narrativa coerente, que forneça elementos de compreensão sobre como idealizamos esse passado. É por meio da competência narrativa que a experiência bruta do tempo é processada e convertida em uma história capaz de fundamentar a identidade do sujeito e guiar suas ações sociais. Essa atribuição de sentido histórico, segundo Rüsen (2015), se manifesta por meio de quatro níveis ou modos de pensamento, que revelam diferentes graus de complexidade na relação dos sujeitos com o tempo.

No modo tradicional, onde o passado é percebido como uma origem sagrada e imutável. Aqui, a orientação se dá pela reafirmação de normas e costumes herdados, visando a manutenção da continuidade e a preservação da identidade coletiva contra mudanças indesejadas ou ameaçadoras a um determinado grupo social.

O modo exemplar é compreendido como um reservatório de lições atemporais, onde o exemplo do passado valida as ações no presente. Essa concepção se aproxima da ideia de: "a história é mestra da vida", buscando regularidades que permitam aplicar soluções pretéritas a problemas atuais.

Um modo que garantiria uma explicação mais ampla do passado é chamado por Rüsen (2012) de modo genético. Aqui, as transformações sociais deixam de ser vistas como uma ameaça ou algo a ser negado. As diferenças temporais são integradas em um processo dinâmico e complexo. Isso indica que os sujeitos do presente teriam uma maior compreensão das ações realizadas no passado, não sob uma ótica do presente, mas percebendo como sujeitos em um outro tempo viviam e se organizavam.

Antes do modo genético, Rüsen (2012) apresenta o modo crítico. Caracterizada pela ruptura. Os sujeitos questionam narrativas pré-estabelecidas. Pensar historicamente não é aceitar a narrativa assim como ela é fornecida, é o modo da não aceitação e da problematização das narrativas históricas.

Associamos as concepções aqui elencadas de ensino de história, letramento e consciência histórica à psicogênese da língua escrita. Proposta por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na década de 1980. Essa perspectiva transformou o foco dos métodos de ensino

para o processo de aprendizagem do aluno, partindo da ideia de que o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído ativamente pelo sujeito em interação com o meio (Ferreiro e Teberosky, 1986).

Um ponto que nos chama a atenção nesta teoria é o do erro construtivo. Se diferencia de uma educação tradicional, que vê o erro como uma falha. Na psicogênese, o erro é interpretado como uma evidência dos esquemas de pensamento do aluno em determinado momento de sua evolução cognitiva. Mediante processos de assimilação e acomodação, o indivíduo reorganiza seus conceitos adquiridos ao longo da vida para integrar novas informações, atingindo novos níveis de compreensão (Piaget, 1996).

Em sua pesquisa, Ferreiro e Teberosky (1986) identificaram que o aprendiz percorre uma linha regular de desenvolvimento – quando se encontra no nível desejado de aprendizagem, organizada em períodos que refletem suas hipóteses sobre o sistema alfabético. Apresentamos os níveis por meio do quadro a seguir:

**Quadro 1** – Níveis de Aprendizagem da Escrita (Psicogênese)

Nível	Características Principais	Comportamento esperado do Aluno
Pré-silábico	Ausência de relação entre escrita e som	Utiliza desenhos, rabiscos ou letras aleatórias para representar palavras; pode acreditar que nomes grandes exigem muitas letras (realismo nominal)
Silábico	Descoberta de que a escrita representa as partes sonoras da fala	Grava uma letra para cada sílaba oral pronunciada; divide-se em sem valor sonoro (letras aleatórias) e com valor sonoro (letras que correspondem ao som da sílaba, como as vogais)
Silábico-alfabético	Período de transição e conflito cognitivo	Ora escreve uma letra por sílaba, ora representa cada fonema da sílaba; começa a perceber que a sílaba é reanalisável em unidades menores
Alfabético	Compreensão do princípio alfabético e da correspondência fonema-grafema	Consegue realizar a escrita completa das palavras, embora ainda apresente erros ortográficos e confusão entre sons semelhantes

**Fonte:** Ferreiro e Teberosky, (1986).

Perceba que no nível pré-silábico, o aprendiz ignora que a escrita representa a fala e utiliza critérios como a "quantidade mínima de caracteres" e a "variedade de letras" para que algo seja legível. Frequentemente, o aluno usa apenas as letras de seu próprio nome para tentar escrever qualquer outra palavra. Já no nível silábico, O avanço ocorre quando o aluno é questionado sobre a quantidade de vezes que abrimos a boca para pronunciar uma palavra. No estágio com valor sonoro, para escrever "MENINO", o aluno pode grafar "MIO", onde cada letra representa uma sílaba sonora específica. Ao chegar no nível silábico-alfabético a aprendizagem é marcada pela desestabilização da hipótese anterior; o aluno percebe que usar apenas uma letra por sílaba gera conflitos com a escrita socialmente estabelecida que ele vê ao

seu redor. Por fim, no nível Alfabético, o aluno finalmente entende que as letras representam unidades sonoras menores que a sílaba (fonemas). No entanto, ele enfrenta o desafio de que a "identidade de som não garante a identidade de letras", iniciando sua jornada pelos problemas ortográficos.

Precisamos enfatizar que esses níveis não são degraus de uma escada mecânica, mas grandes reestruturações globais onde o "erro" é, na verdade, um passo construtivo para a compreensão final do sistema. Obviamente, também levamos em conta que estes níveis são ideias e desejados dentro do processo de desenvolvimento de crianças em processo de alfabetização. Por isso apresentamos, neste artigo, dois grupos de alunos, aqueles que alcançaram e o outro que ainda não alcançou os níveis desejados de aprendizagem e aquisição da língua escrita.

Conjecturando Educação Histórica e Psicogênese, por meio de representações escritas e desenhadas, o nível pré-silábico, a compreensão do que se estuda ainda não é clara e a criança realizaria representações sem uma lógica estruturada (desenhos e letras soltas). No silábico, ela consegue ver as formas principais (as sílabas), mas os detalhes internos ainda não. No silábico-alfabético, ela começa a construir detalhes e os fonemas aparecem e desaparecem. Finalmente, no alfabético, a imagem, ou a escrita apresenta características clara e bem organizada. O uso da letra ganha clareza, restando apenas aprender a ortografia.

É fundamental distinguir alfabetização, entendida como a aquisição da tecnologia da escrita, de letramento, que se refere ao uso social e competente dessa tecnologia (Soares, 2003). No ensino de História, essa distinção permite que alunos ainda em processo de alfabetização possam exercer o letramento histórico por meio de outras linguagens.

O desenho, aqui, age como uma forma de registro que precede e acompanha a escrita. Para alunos que ainda não dominam a codificação alfabética, o desenho funciona como uma possibilidade narrativa fluida, permitindo-lhes expressar operações mentais complexas, como a empatia histórica (Ashby, 2003). Ao representar a vida na Pré-História, o aluno mobiliza saberes e atribui significados ao passado, demonstrando que a ausência do domínio da escrita não impede a construção de uma consciência histórica.

A integração entre as representações escritas e pictóricas oferece uma estratégia inclusiva, especialmente para alunos com Atendimento Educacional Especializado (AEE). Como observado na prática pedagógica, o desenho permite que estudantes não leitores revelem sua compreensão sobre aspectos como a sobrevivência humana e o uso do fogo, superando anacronismos e demonstrando que "escrever também é desenhar" no contexto das primeiras representações humanas.

## Metodologia

Este relato de experiência, trata-se de um estudo exploratório e explicativo (Gil, 2008). Onde buscamos identificar fatores que nos ajudem a compreender uma dada realidade social. Nossa investigação aconteceu em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental – anos finais, na EM Governador Faustino de Albuquerque, em Fortaleza. Buscando compreender como estudantes em diferentes níveis de alfabetização e letramento mobilizam saberes históricos em situações de aprendizagem.

Utilizamos uma abordagem qualitativa por possibilitar a análise de significados atribuídos pelos alunos em suas produções, tanto as representações escritas quanto as pictóricas. O caráter exploratório se justifica pelo interesse em produzir reflexões acerca da integração entre a psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1986) e a Educação Histórica (Schmidt, 2019; Germinari, 2011), buscando compreender como se dá as operações mentais de estudantes acerca da pré-história.

A experiência pedagógica realizada consistiu na aplicação de uma atividade diagnóstica adaptada, dividida em três etapas: (i) elaboração de desenhos representativos da vida na Pré-História; (ii) resolução de questões abertas e de associação conceitual; e (iii) produção de registros pictóricos inspirados na rupestres.

A análise dos resultados ocorreu de forma descritiva e interpretativa, considerando os níveis de escrita identificados nos estudantes (sejam eles por meio de narrativas escritas ou desenhos). Utilizamos ainda como base teórica de análise as concepções de letramento histórico (Barca, 2006) e de evidência e empatia histórica (Ashby, 2003), de modo a compreender como os alunos produzem sentidos ao passado mesmo que suas interpretações não estejam atreladas a escrita propriamente dita.

## Resultados e Discussões

Nosso relato é mediado por uma ação pedagógica realizada com alunos do 6º ano, do Ensino Fundamental – anos finais, em uma escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza-CE, no turno da tarde. Atuo como professor da rede municipal de Fortaleza desde o ano de 2016, porém venho percebendo que nos últimos anos, temos recebido um maior número de alunos que recebem Atendimento Educacional Especializado (AEE), tanto na sala de aula regular como em Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) nas escolas municipais.

Como nossa escola não possui turmas dos anos iniciais, costumamos receber alunos de escolas próximas. O que temos observado desde o início do ano letivo é que diversos alunos do 6º ano que possuem esse perfil ainda não apresentam um nível de leitura e escrita que os permita realizar atividades mais complexas. Isso se torna um desafio, pois dificuldades nesse campo são comuns, tendo em vista que estudantes desta série continuam em processo de alfabetização e certas habilidades deste campo continuam em construção.

Por meio de atividades adaptadas que funcionavam como avaliações diagnósticas, conseguimos identificar que, por meio dos referenciais de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) os alunos apresentavam níveis de dificuldade semelhantes, em especial, na junção de sílabas para a formação de palavras. Outra dificuldade encontrada era a associação de palavras a imagens. Em uma destas atividades, pedíamos aos alunos que conectassem palavras ligadas a artefatos históricos da antiguidade a sua palavra de identificação. Metade dos alunos pediu ajuda de explicação e direcionamento do que deveriam fazer, alguns não conseguiam executar a atividade.

Avaliamos que este grupo de alunos, por meio da psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1986), está mais próximo do nível Silábico-Alfabético, no qual já conseguem combinar uma ideia de sílaba a letras correspondentes, sendo as letras em certos momentos, representações de sons e em outros, sílabas. Essa perspectiva de alfabetização não leva em conta apenas a construção de habilidades motoras de escrita, mas também como esses estudantes compreendem o mundo ao seu redor, ou seja, relaciona a alfabetização ao letramento.

Sou historiador e pesquisador do campo de Ensino de História, sob a perspectiva da Educação histórica. Este é um campo do conhecimento que pesquisa e analisa como os sujeitos aprendem e atribuem significados aos saberes advindos da ciência histórica (Schmidt, 2019), volta-se a compreender a cognição histórica e como sujeitos pensam e significam seus conhecimentos sobre história (Germinari, 2011). Nessa perspectiva, acredito que a aproximação entre esses apontamentos teóricos permite refletir sobre como estudantes, com níveis de alfabetização e letramento distintos, pensam e mobilizam seus saberes para realizar explicações históricas, analisando contextos e conceitos sobre um determinado tema.

Mais do que aprendizagens sobre os conteúdos e tópicos estudados, queremos proporcionar aos estudantes experiências que estimulem reflexões sobre o tempo e sobre o mundo em que vivem. Para isso, buscamos promover experiências de Letramento Histórico. Este conceito é entendido como o conjunto de competências de interpretação do passado e está

associado ao desenvolvimento da Consciência Histórica (Barca, 2006). A história possui uma linguagem específica que parte da leitura do tempo, mediada por fontes e vestígios do passado.

Buscamos assim realizar uma atividade de verificação com toda a turma, ela foi pensada para dois perfis de alunos: aqueles que têm maior domínio da escrita e os ainda em processo de alfabetização. Cada aluno recebeu uma folha sobre o tema Pré-História. Como era uma atividade antes da revisão para a prova bimestral, utilizamos essa atividade para incluir os alunos que fazem atividades adaptadas na mesma dinâmica dos alunos que vinham fazendo atividades com maior exigência de escrita. Isso porque a atividade envolvia a resolução de questões escritas intercaladas com representações pictóricas.

O tema da atividade foi “Os Primeiros Seres Humanos e o Povoamento da América”. A atividade foi dividida em três partes. Na primeira parte, deixamos um espaço de desenho, onde os estudantes deveriam criar uma representação pessoal de como seria a vida dos seres humanos no período Paleolítico. Eles foram orientados a responder às seguintes questões: “O que eles estavam fazendo?”, “Onde estavam morando?” e “Como usavam o fogo?”. Trabalhamos, assim, a percepção imaginativa de como era a vida na Pré-História, sem que referenciais externos à sala de aula sejam preconizados. Por exemplo, não há por que tolher a criatividade dessa produção se o referencial vier da TV ou de quadrinhos. Esses referenciais são ressignificados nas respostas realizadas.

Ao longo das aulas, discutimos sobre linguagem humana e como os seres humanos realizavam representações artísticas por meio da escrita rupestre. A psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1986) nos lembra que a aquisição da escrita na criança é gradual e parte das suas próprias ideias e pensamentos, com interação com o meio e mediação da ação docente. Além disso, o processo de aquisição da escrita tem início com a representação de desenhos que, gradualmente, se transformam em palavras. A representação precede a conquista da técnica. Esse elemento dialoga diretamente com a representatividade das inscrições nas cavernas, as quais consideramos a primeira forma de escrita da humanidade. Dessa forma, escrever, neste contexto, também é desenhar.

Para além de uma elaboração técnica, os desenhos realizados representam como esses estudantes compreendem o passado. Com isso, trabalhamos ideias sobre outros dois conceitos fundamentais da Educação Histórica: evidência e empatia histórica. A evidência é aquilo que foi produzido no passado, mas é ressignificado no presente. A empatia, na perspectiva histórica, se articula com como enxergamos esse passado e realizamos operações mentais para entender como sujeitos de distintos tempos viviam. É a superação do anacronismo e o exercício de entender o passado pelo passado (Ashby, 2003).

Na segunda parte da atividade, foi solicitado que os alunos respondessem duas questões conceituais sobre a migração humana pelo mundo e, em especial, para o continente americano. A primeira aberta, com três itens. O item a) perguntava sobre o que era o conceito de Sedentarismo, o item b) pedia para eles explicarem como a agricultura mudou a vida das pessoas e o item c, era voltado para a descrição de ferramentas e instrumentos de trabalho usados pelos humanos neste período. A segunda questão apresentava a descrição de 4 hipóteses de migração para a América. Os alunos deveriam ligá-las o nome correto da hipótese.

Uma terceira parte foi uma questão bônus, que deveria ser feita conforme o tempo disponível na aula. Pedimos que os alunos novamente criassem um desenho de uma escrita rupestre, imitando os desenhos que analisamos por meio de imagens e slides ao longo das aulas de história. Propositamente, começamos e encerramos a atividade com desenhos. Isso propiciou que alunos que não conseguissem resolver as questões mais teóricas, pudessem expor suas explicações históricas. Sejam elas escritas, de associação ou de criação artística.

Ao analisar o desempenho destes alunos, percebemos uma maior dificuldade de resolução das questões teóricas, sobre principalmente o conceito de agricultura, e houve uma confusão sobre a correlação entre as hipóteses de povoamento do continente americano. Por se tratar de uma atividade sem consulta, percebemos que os alunos buscavam respostas em um repertório pessoal, que localizava informações, ainda que com uma certa confusão. Alunos que ainda não tinham um domínio da leitura, não conseguiram resolver estas questões, mas, por meio da orientação pedagógica, conseguiram criar representações históricas pictóricas bem interessantes.

Na verdade, a qualidade da produção dos desenhos dos alunos foi o que mais nos chamou a atenção. Isso porque alunos que têm uma maior dificuldade de compreensão de aspectos teóricos tendem a não interagir em aula. Isso torna muito difícil a mensuração das suas aprendizagens, já que passamos a trabalhar com eles outros elementos, que se voltam mais para a aquisição de técnicas de leitura e escrita, do que a compreensão de conceitos históricos mais complexos. Mas defendemos que todos têm uma percepção histórica que pode, sim, ser compreendida e investigada.

Para exemplificação disto, trouxemos, no registro fotográfico, três exemplos de representações da pré-história produzidas nesta experiência. A primeira foi produzida por uma aluna não leitora. Ela realiza a escrita do próprio nome e de algumas palavras com poucas sílabas. Mas não consegue distinguir um comando de uma questão. Por isso, não conseguiu responder às perguntas abertas da atividade. Mas seu desenho sobre a era do fogo representa humanos pré-históricos, a natureza por meio da montanha e do céu e a utilidade do fogo para a

sobrevivência humana em épocas tão adversas. O sentido de proteção desse recurso natural também fica evidente, inclusive com um dos personagens sentado em uma cadeira.

**Figura 1** – Aluna não leitora 6º A. “A era do fogo”



Fonte: Acesso do pesquisador

As outras duas imagens representam alunos, de ambas as salas, com uma compreensão leitora mais avançada, o que os permitiu realizar toda a atividade escrita com muita assertividade. Suas representações pictóricas trazem elementos distintos do que seria a vida na pré-história.

**Figura 2** – Vida na caverna “Aluno leitor 6º B”



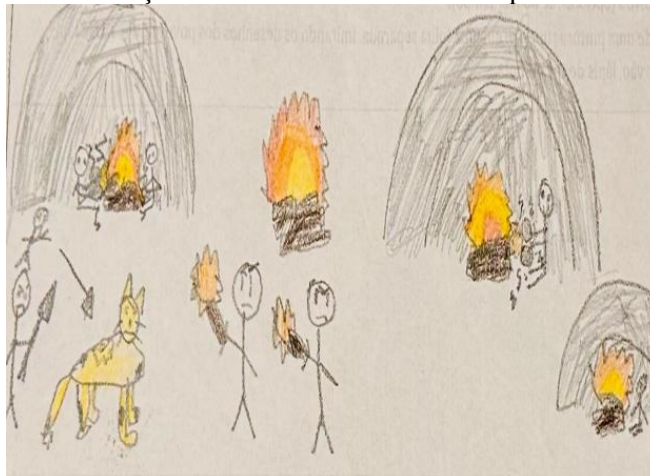
Fonte: Acesso do pesquisador

Na figura 2, um aluno do 6º A representa um personagem, com roupas típicas das que vemos em ilustrações e desenhos animados, realizando o ato de cozinhar no fogo. Diferente da

estudante anterior, a natureza representa um perigo, já que animais caçadores são representados fora da caverna. A proteção deste espaço de moradia também acompanha diversas inscrições rupestres que estão desenhadas nas paredes. Uma pessoa maior e um menor (provavelmente uma criança e seu cuidador) estão de mãos dadas, ao seu redor, de forma circular, diversos animais quadrúpedes estão desenhados. A personagem ainda segura um certo artefato, provavelmente usado para a caça e a produção de alimentos.

Por último, uma aluna do 6º B, apresenta conjunto de cavernas menores, cada uma com seu próprio fogo e um grupo de caçadores cercado um grande felino, que com uma cara de assustado, sabe que será o alimento deste bando. A vida comunitária é evidenciada nessa representação.

**Figura 3** – Produção dos alunos do 6º ano “Complexo de cavernas”



**Fonte:** Acesso da pesquisadora (2025)

O que mais nos chamou a atenção nessas representações é que a vida pré-histórica é muito bem compreendida. Esse aspecto é algo que explicamos com exaustão, e nas interações de aula, tivemos muitas perguntas feitas sobre como era a rotina de vida desses seres humanos.

Um elemento anacrônico que esperávamos não aparecer. Os dinossauros não são representados! Isso mostra que o lapso temporal de milhões de anos entre esses seres e os humanos foi bem compreendido pelos alunos. Normalmente, estudantes do 6º ano possuem uma grande dificuldade em separações temporais, como a divisão entre décadas, séculos e milênios. Esperávamos que o elemento não fosse superado pelas representações imagéticas. Outros grandes animais são representados, principalmente mamutes, mas num contexto de caça que dialoga com os dados e fontes consultadas ao longo das aulas.

Outro fator que destaco é que na representação de todos os alunos, esses “homens das cavernas” são da espécie homo sapiens. Digo isto porque as características que definem esses humanos mais antigos são normalmente atribuídas a outro grupo humano, os neandertais. O

que quero dizer com isto é que a representação humana que estes estudantes fazem parte do que eles mesmos são. Humanos pré-históricos são humanos como somos no tempo presente, ainda que com práticas e ações sociais específicas.

O que defendemos por meio desta experiência é que narrativas que demonstram como estudantes mobilizam seus saberes históricos, podem ser expressas de maneiras diversificadas. O fator de aquisição da leitura e escrita, no sentido da alfabetização, não foi determinante para concluirmos que, sejam alunos leitores ou não, ou que tenham acompanhamento especializado, todos puderam produzir suas próprias narrativas. Pelo contrário, a riqueza de detalhes e elementos apresentados em sala esteve presente na produção de todos. O fato de não haver distinção entre as atividades fez com que todos se sentissem incluídos nesse processo de aprendizagem.

## Considerações Finais

A atividade realizada em uma escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza-CE, envolveu 58 alunos, dos quais 12 apresentam acompanhamento no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Por meio da psicogênese da língua escrita e de elementos da educação histórica que investigam os processos de consciência histórica, pudemos analisar de forma descritiva como estudantes do 6º ano constituem suas operações mentais em torno do tema Pré-História.

Alunos leitores conseguiram realizar, quase na totalidade, as questões abertas e conceituais em torno da revolução agrícola e da migração humana pelo mundo, em especial nas Américas. Nenhum aluno com atendimento AEE conseguiu realizar este modelo de questão. Mas, todos os participantes conseguiram construir representações pictóricas sobre a vida na Pré-História e o uso do fogo por grupos humanos, destacando uma diversidade de elementos do cotidiano como a moradia, vestimentas, interações sociais como a caça, a vida nas cavernas e as representações artísticas por meio da escrita rupestre.

A experiência demonstrou que, ao integrar escrita e expressões artísticas, produz-se uma nova perspectiva e um novo olhar sobre como os estudantes compreendem e explicam diversos momentos históricos. Além disso, trata-se de um caminho possível para a inclusão e a mensuração de aprendizagens de todos os estudantes.

## Referências

ASHBY, Rosalyn; O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos. Tradução de Ana Catarina Simão. In: BARCA, Isabel (org). Jornadas Internacionais



RÜSEN, Jörn. **Aprendizado histórico: fundamentos e paradigmas.** Tradução de Caio da Costa Ferreira. Curitiba: WA Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma orientação entre modernidade e pós-modernidade.** Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cognição histórica e letramento histórico.** Curitiba: Ed. UFPR, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

#### **SOBRE O/AS AUTOR/AS**

**Geovanio Carlos Bezerra Rodrigues.** Graduado em História e Pedagogia. É mestre em Educação e doutorando em Ensino de História. Atua como professor de História da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Pesquisa o Ensino de História e suas potencialidades e desafios no contexto escolar de periferia. <http://lattes.cnpq.br/7607219990913894>.

#### **Como citar**

RODRIGUES, Geovanio Carlos Bezerra. Vozes das cavernas: concepções de pré-história de alunos do 6º ano. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-16, jan./dez., 2025.